

O Regimento de Infantaria no Combate

O COMBATE DEFENSIVO

(Continuação)

Ten. Cel. J. B. de Mattos

VI — O CONTRA-ATAQUE

O contra-ataque pode ser definido como *uma ação defensiva visando retomar um elemento da posição de resistencia para nele substituir as armas que ali se encontravam e restabelecer assim a continuidade do fogo momentaneamente rompida nesse ponto pelo inimigo.*

Um contra-ataque é, pois, um ataque a objetivo limitado. É dirigido de preferéncia contra o flanco das forças, que conseguirem penetrar na posição, e em direção a um objetivo no interior do sub-setor.

Em princípio só se contra-ataca um inimigo detido pelo fogo, o que não exclue a obrigatoriedade de aproveitamento de situações particulares do terreno e do inimigo.

Os contra-ataques executados no âmbito dos Bts. da zona de combate por pelotões e companhias são chamados imediatos.

Em geral os executantes agem sem preparação da Artilharia, são apoiados pelo fogo de suas próprias armas e o das frações vizinhas. Seus fogos são combinados com movimentos rápidos de desbordamento e envolvimento.

O apoio da artilharia lhes pode ser garantido, fazendo desencadear um dos tiros previstos, se o contra-ataque tiver sido estudado e preparado com antecedencia, ou sobretudo pelos tiros que a Artilharia executar no momento do contra-ataque — tiros de deter.

Afora a potencia de seus fogos, o principal elemento de sucesso dos contra-ataques imediatos reside na escolha oportuna do momento em que são desencadeados.

Os *contra-ataques conduzidos pelo comando* exigem planos feitos com antecedencia, para que seja obtida a ação rápida, fundamento do sucesso da operação.

Preparam-se planos para cada uma das eventualidades de penetração do inimigo na posição. O Cmt. do regimento prescreve,

em termos gerais, os contra-ataques a serem executados pela reserva. Os planos prevêm o emprego de todas as armas disponíveis (artilharia, morteiros, carros de combate) para apoiar o contra-ataque. O Comandante da reserva do regimento consulta os comandantes das unidades de apoio e prepara os planos detalhados, devem mencionar a direcção e objetivos, base de partida, movimento para a base de partida, fogos de apoio e coordenação.

Para conveniência de referencia e para rapidez de execução, os planos de contra-ataque são numerados na ordem de prioridade de realização.

É necessário que o contra-ataque da reserva do Regimento seja coordenado com a acção a executar pelas reservas dos Btls. de 1.^o escalão, coordenação esta assegurada pelo Cmt. do R. I.

Quando a situação permitir, os planos de contra-ataque são ensaiados. Se o ensaio for impraticável, o maior número possível de Cmts. subordinados são conduzidos às zonas prováveis dos contra-ataques e os planos previstos são explicados no terreno.

VII — CONDUTA DA DEFESA

Noções gerais:

A integridade da posição de resistência é conseguida pela combinação do combate, in loco, com o contra-ataque. A conduta da defesa deve ser agressiva. Deve-se apresentar as vantagens resultantes dos erros ou falhas do inimigo. A conduta da defesa implica num progressivo enfraquecimento do ataque inimigo, desde o momento em que êle atinja a zona do alcance das armas das forças de cobertura, até que chegue às proximidades da linha principal de resistência. Toda a acção defensiva, efetuada por tropas que se encontrem, quer à frente, quer à retaguarda da linha principal de resistência, deve ser orientada para a defesa desta linha, e tem em vista a integridade da posição.

Uma unidade incumbida da defesa duma determinada zona, só pode abandonar a quando autorizada pela autoridade superior. As partes essenciais da linha principal de resistência devem ser defendidas até o último homem.

A acção da defesa na P. R. segue, geralmente, a sequência abaixo.

1 — Reconhecimento

Os postos de observação do regimento, batalhão e companhia, tem sua acção ampliada por patrulhas, que cobrem todo o setor observado. As patrulhas fecham os intervalos entre as posições organiza-

das. Frequentemente, será necessário reforçar essas patrulhas, para executar um reconhecimento em força ou uma incursão a fim de obter informações precisas sobre o dispositivo do inimigo. (Uma nota anexa sobre o estudo de golpes de mãos e patrulhas completará a presente.

A noite, postos de escuta são estabelecidos pelas unidades em primeiro escalão, e a zona entre os postos avançados de combate e a posição de resistência é vasculhada por patrulhas.

2 — Posição de resistência

A posição de resistência é defendida pelo fogo e pelo contra-ataque nas condições seguintes:

a) — Fogos longínquos

A Artilharia da posição de resistência apoia, com seus fogos, a defesa do escalão de resistência dos postos avançados gerais e ação retardadora executada por estes postos. Os petrechos pesados da Infantaria reforçam esses fogos, logo que o inimigo entre em sua zona de alcance.

Algumas dessas armas, quando possível, batem com seus fogos as zonas de reunião de forças inimigas, conhecidas ou suspeitadas.

Os fogos longínquos, a serem desencadeados por metralhadoras pertencentes à LPR, devem ser feitos das posições que não revelem qual a localização dessa linha.

b) — Durante a progressão do ataque inimigo

A medida que o ataque inimigo progride, ele se aproxima da zona batida eficazmente por um crescente número de armas automáticas da defesa, incluindo os petrechos pesados da reserva. Os petrechos pesados, excetuando-se os da linha principal de resistência, abrem fogo, desde que o inimigo entre na zona do seu alcance máximo.

Todas as armas da linha principal de resistência mantêm-se caladas, até o momento em que o inimigo apresenta alvos que justifiquem o tiro, a fim de não revelarem prematuramente suas posições.

As metralhadoras que ocuparem posições na linha principal de resistência, não devem, normalmente, abrir fogo a distâncias maiores do que 500 metros.

Concentrações de infantaria, previamente preparadas, são executadas, sobre caminhamentos suspeitos, favoráveis à aproximação do inimigo e sobre alvos favoráveis que se apresentem durante sua progressão. Esses fogos devem ser dirigidos, principalmente, sobre posição designadas para os tiros das armas automáticas.

Os fogos dos obuzes e dos morteiros de infantaria são empregados para completar os fogos de artilharia. Esses fogos também são usados contra armas automáticas inimigas, cuja posição foi aproximadamente localizada.

O fogo dos fuzis e de fuzis-metralhadoras é, geralmente, feito quando o inimigo chega a uma distância de 500 metros.

As armas anti-carros, colocadas para a defesa da linha principal de resistência, só abrem fogo quando os carros chegam ao alcance útil dos tiros; a cobertura prematura do fogo revela as posições das armas e provoca os bombardeios inimigos.

As armas anti-carro podem ser, excepcionalmente, empregadas para atirar em alvos terrestres, quando não haja esses engenhos mecanizados.

A decisão para o emprego dessas armas com esse fim, não deve comprometer a execução da missão principal dos canhões anti-carros, que, para atender ao desempenho de ambas as tarefas, devem dispor da necessária quantidade de munições quando tal emprego for justificado, as armas anti-carro são particularmente eficazes contra metralhadoras situadas em locais perfeitamente referidos.

Quando os tiros tenham sido desencadeados pelas armas da linha principal de resistência, às metralhadoras pesadas, localizadas nas proximidades ou na linha de tiro dos aviões atacantes e que se encontrem dentro do alcance eficaz, caberão esses alvos, de acordo com o julgamento dos comandantes de seção de pelotão de metralhadoras, porque são eles mais importantes do que os alvos terrestres.

c) — Defesa aproximada

Antes que o ataque inimigo alcance a zona batida pelos fogos aproximados da defesa (barragem geral) as armas automáticas da zona ameaçada orientam seus fogos para as linhas finais de proteção.

Fogos defensivos de morteiros e de artilharia, previamente preparados (barragens fixas), são executados para atender a essa necessidade.

Fuzis e metralhadoras batem, com uma velocidade de tiro maior, os alvos mais perigosos.

Se o inimigo passar ao assalto, será rechassado sucessivamente, pelo fogo, granadas e pelo combate corpo a corpo.

d) — Defesa no interior da posição

Se o inimigo consegue penetrar na posição, procura-se resistir à sua progressão, pelo emprego massivo dos elementos de apoio, das reservas dos batalhões. Se com isso não se consegue detê-lo, toda ou parte da reserva do regimento é empregada, quer para im-

pedir a penetração para posições previamente preparadas, quer um contra-ataque. As unidades vizinhas tomam as necessárias medidas, para impedir que a penetração inimiga inicie seu desenvolvimento lateralmente. Os flancos da penetração são mantidos. Fogos de flanqueamento das unidades adjacentes e fogos de artilharia e morteiro, previamente preparados, são dirigidos contra os elementos que penetram na posição. A reserva do regimento deverá ser empregada para contra-atacar antes que o inimigo tenha tido tempo de estabelecer-se.

e) — *Defesa dos flancos*

Estreito contato é mantido com os elementos inimigos que progridem pelos setores vizinhos, por meio de observadores, patrulhas e agentes de ligação. Quando o inimigo conseguir penetrar numa zona vizinha, os fogos de algumas armas de apoio podem ser desviados, para auxiliar a limitação da penetração.

Os fogos de flanco das armas automáticas são particularmente úteis para esse fim. Sea penetração for profunda, a reserva do regimento é deslocada para uma posição de flanco, previamente reconhecida ou preparada, na qual possa resistir à toda tentativa de aumento da penetração.

Qualquer tentativa de ameaça a um flanco exposto será normalmente sustada pela reserva do batalhão que se achar no flanco ameaçado. É necessário que o flanco exposto seja constantemente patrulhado e, quando a ameaça se acentua, o batalhão de reserva é deslocado para uma posição previamente preparada.

f) — *Ação contra carros*

Os campos minados e outros obstáculos à frente da posição devem ser cobertos pelo fogo eficaz do fuzil, metralhadoras e morteiros, para impedir sua remoção ou neutralização antes ou durante o ataque inimigo.

A Infantaria inimiga, geralmente, acompanha ou segue de perto os carros, no ataque.

O pessoal exposto dos carros ou o que segue à vista os carros, são os primeiros alvos para as pequenas armas de fogo da Infantaria.

Em caso algum, a Infantaria da defesa deve ser desviada da sua missão principal, que é combater e destruir a Infantaria atacante.

O fogo das pequenas armas da Infantaria é relativamente ineficaz contra a blindagem dos carros. Todavia, sob condições favoráveis, o efeito acumulado dos projetis perfurantes das pequenas armas pode ser eficiente contra as lagartas de carros blindados, rodas e caterpilas. O fogo de fuzis, fuzis metralhadoras e metralhadoras

em maior parte, será dirigido contra a tripulação do carro, o qual para operar, é obrigado a abrir as torres, portas e viseiras, para melhorar seu campo de visão. As circunstâncias relativas à direção do ataque com os carros, sua proximidade da Infantaria da defesa e o remuniciamento, a desnecessária revelação das guarnições que servem às armas, condições de pouca visibilidade a presença da Infantaria inimiga de acompanhamento determinarão como e até que extensão os fogos das pequenas armas deverão ser empregados contra tais veículos. Defensores empregando fogos de pequenas armas contra os carros inimigos, ou contra a Infantaria que os acompanha, continuarão a atirar, até que sejam forçados a abrigar-se para se protegerem e às suas armas, contra a ação esmagadora de tais veículos.

Granadeiros anti-carros, lança-rojão e outros soldados armados com armas anti-carros atiram contra os carros, desde que entrem estes dentro do alcance útil e continuam a batê-los, até que sejam destruídos ou tenham passado além do alcance.

Se não for necessário bater a Infantaria inimiga que acompanha os carros, outros soldados atacam esses veículos com granadas incendiárias ou químicas, no instante em que a viatura passa por eles ou comece a ultrapassá-los.

Os canhões anti-carros são colocados para cobrir prováveis vias de acesso à aproximação de blindados no interior da posição, bater os obstáculos e campos de minas e prover apoio mútuo. O fogo é somente aberto, quando se possa obter dele um efeito destruidor. Tudo deve ser feito para evitar uma prematura revelação dos canhões.

Quando um ataque de carros penetra através da posição, os comandantes locais tomam providências imediatas para fechar quaisquer brechas abertas, lançando mão das suas unidades de apoio e de reservas.

VIII — ATIVIDADE DOS DIFERENTES COMANDOS

a) — *Do Comandante do Regimento na preparação da defesa:*
O Comandante da Divisão fixa ao Cmt. do Regimento o fim a atingir:

- interdizer ao inimigo o acesso dum certa direção;
- conservar a todo custo certa parte do terreno. z

Fornece-lhe os meios de cumprir sua missão, dando-lhe um sub-setor para defender perfeitamente definido em largura e profundidade e os meios ou os fogos suplementares necessários — notadamente em artilharia; traça-lhe as *diretrizes da sua ação* fixando as partes da barragem onde deseja manter maior densidade de fogos,

precisando eventualmente o número de unidades a colocar em 1.º escalão, determinando o efetivo dos postos avançados e as condições do contacto com as unidades vizinhas e mesmo impondo certas servidões de fogo em proveito dos sub-sectores vizinhos; enfim, orienta-o sobre o modo como espera conduzir o combate defensivo expondo-lhe, em grandes linhas, como concebe o emprêgo eventual dos fogos da artilharia e o das reservas da Divisão — preparação dum certo número de concentrações de artilharia e reconhecimento dos caminhos que possam facilitar os reforçamentos ou contra-ataques.

Compete, então, ao comandante do regimento *adaptar minuciosamente ao terreno os fogos que deve fornecer* para cumprir (sua missão e dispor suas unidades nas melhores condições para os produzir obtendo de seus engenhos de fogo o máximo rendimento. Isto significa que a *base de sua ação reside no reconhecimento minucioso do terreno.*

Terá êle, então, antes de tudo, de:

- a) — precisar no terreno os *limites da barragem geral* (anterior e posterior), notadamente o limite posterior que constitue a LPR;
- b) — determinar as partes da barragem geral onde haverá facilidade da *continuidade* de fogo ser rompida e aquelas nas quais a *densidade* deve ser *reforçada*, tanto porque o ataque inimigo tenha ali mais probabilidades quanto por ser mais perigoso;
- c) — avaliar, grosso modo, o número de armas a *empregar* para constituir uma barragem geral ótima, levando para isto em conta:
 - as *missões de fogo que recebeu* — barragem mais densa na parte onde o General de Divisão quer fazer o esforço; consequentemente maior número de armas nesse ponto;
 - *servidões de fogo* que lhes são impostas (flanqueamento a realizar em beneficio dos vizinhos, separações, etc.);
 - *missões de fogo que pessoalmente deseja realizar* (barragem de fogo mais densa na região onde julga o ataque inimigo mais provável ou mais perigoso);
 - o *terreno* — terreno descoberto, grande campo de tiro: menor número de armas; terreno coberto, dobrado: maior número de armas;
- d) — estudar as condições nas quais as *unidades* em 2.º escalão estarão em melhores condições de atuar *em proveito da barragem geral* e crear a barragem da *linha de deter*;

- e — *vêr como o dispositivo adotado, tendo em vista fornecer um sistema de fogos creado para deter um inimigo atacando de frente, poderá modificar-se para fornecer um outro sistema de fogo sucesstível de deter um inimigo atacando o sub-setor de flanco ou de escarpa, após a rutura da frente num ou nouro setor vizinho;*
- f) — regular as condições da defesa *contra carros*, no escalão regimento subordinando-se ao plano de defesa *contra carros* elaborado pelo Cmt. da DI;
- g) — regular as condições da defesa *contra aviões*.

Deste estudo deduzirá o Cmt. do regimento as missões das suas unidades, batalhões, meios de fogo regimental, o dispositivo a adotar, os limites das zonas de ação, tanto em largura como em profundidade das unidades em 1.º escalão, a natureza das ligações de fogo a prever.

Este estudo lhe permitirá também fixar com conhecimento de causa, o fim, a importância e a forma da cooperação a solicitar à Artilharia de apoio direto trabalhando em proveito da sua unidade.

Pode:

- guardar à sua disposição esses fogos de apoio direto, no caso, por exemplo, de só dispor dum grupo, tendo dois Btls. em 1.º escalão;
- conservar uma parte à sua disposição, no caso, por exemplo, de dispor de 3 grupos, tendo somente 2 Btls. em 1.º escalão;
- delegar o emprego desses fogos aos Cmts. de batalhão em 1.º escalão — no caso de ter dois grupos para apoiarem 2 Btls. em 1.º escalão.

Nos dois primeiros casos, é o próprio Cmt. do regimento quem coordenará os fogos de Infantaria e Artilharia, de acordo com os pedidos dos Cmts. de Btl. e segundo as missões de fogo que recebeu ou que se reservou para fixar.

No terceiro caso, deixando a cada Cmt. de Btl. ampla iniciativa para empregar os fogos do grupo que o apoia, poderá, no entanto, reservar-se a possibilidade de concentrar os fogos da artilharia de apoio direto que trabalha em seu proveito nos pontos de seu sub-setor mais particularmente ameaçados. Essas concentrações, cujo número não poderá ser muito grande, deverão ser preparadas com antecedência.

O Cmt. do regimento deve também garantir o *desencadeamento instantâneo e automático do fogo*, tanto de noite como de dia, no que concerne a *barragem geral* e a *barragem de deter*: questão a regular sobre o triplice aspeto da *observação, da transmissão do que foi ob-*

servado e da duração e regimen de tiro, do tiro desencadeado desde que seja dado o respectivo sinal de desencadeamento.

Designa êle outrossim as unidades encarregadas de fornecer os postos avançados, precisa seu emprêgo e as missões de fogo que devem desempenhar, dita a conduta em caso de ataque e regula as condições em que receberão o apoio dos fogos da PR.

Se os postos avançados tiverem recebido a missão de se retrair em caso de ataque, o Cmt. do regimento designa quem deva dar o sinal de recuo, como e por quem deve ser este sinal transmitido, quais os caminhamentos que devem ser utilizados no recuo, e como os postos avançados informarão à retaguarda do abandono das posições.

Determina ainda as missões que podem incumbir à reserva do regimento no decurso do combate; manda reconhecer os caminhamentos a utilizar tendo em vista o reforço das unidades em 1.º escalão ou os contra-ataques imediatos.

Finalmente, regula o funcionamento das ligações e transmissões no interior do seu sub-setor, estabelece o plano de observação, fixa o plano de conjunto de organização do terreno, põe à disposição das unidades a ferramenta necessária, organiza o remuniciamento.

Do exposto, conclue-se que o esforço de atividade do Cel. na preparação da defesa reside no reconhecimento do terreno. O reconhecimento será mais ou menos pormenorizado, conforme permitir a situação. Se o contáto com o inimigo ainda não houver sido tomado, o comando terá liberdade para descer a pormenores. No caso de uma brusca passagem à defensiva, de uma formação de marcha ou ação ofensiva, o reconhecimento será abreviado.

No primeiro caso, o reconhecimento compreende o seguinte ritmo:

a) — *Planejamento do reconhecimento*

O Comando regimental, antes de iniciar o reconhecimento do terreno, faz um ligeiro reconhecimento na carta, formula um plano provisório de defesa, determina as posições a serem percorridas e designa o itinerário. Decide, então, como, quando e onde sua ordem será expedida.

Ele dá os elementos essenciais de seu plano provisório aos comandantes de unidades, para que estes possam iniciar seu reconhecimento e tomar as medidas necessárias para o emprêgo das suas unidades. Se a situação permitir reuni-los para receberem a ordem, o comando os notificará do momento e local em que a mesma será expedida.

b) — *Grupo de reconhecimento*

O Cmt. do regimento faz-se acompanhar, nas operações de reconhecimento, pelo S-2, S.3, oficial de transmissões, oficial antri-

carro e o comandante da Artilharia de apoio ou seu representante e auxiliares. Um destacamento de segurança desse acompanha o grupo. Para um reconhecimento detalhado, o grupo de reconhecimento é subdividido em pequenos grupos, de acordo com as instruções do comando.

Durante o reconhecimento, o comandante do regimento introduz em seu plano provisório de defesa as modificações que julgar necessárias, indicando-as aos seus assistentes, bem como recebe as sugestões dos mesmos.

NA EXECUÇÃO DA DEFESA

O Cmt. do regimento conduz o combate utilizando-se dos meios que reservou e cujo emprêgo se baseará nas informações providas dos seus chefes hierárquicos, do seu serviço de observação e informações e dos subordinados.

A manutenção da barragem geral e eventualmente a da barragem na frente da LD será sua essencial preocupação.

Para manter essas barragens dispõe ele:

- dum lado: da artilharia de apoio direto cujos fogos coordenará, — eventualmente concentrações de artilharia por ele previstas;
- doutro lado: dos fogos da artilharia que poderão ser postos à sua disposição, como suplemento, pelo Comandante da divisão;
- e, eventualmente, das concentrações de fogo de infantaria que previu e dos previstos pelo escalão superior — fogos fornecidos pelos regimentos vizinhos;
- finalmente, da sua reserva.

Sua reserva divide-se em duas partes:

- uma, destina-se a fornecer a cortina de fogos na frente da LD. Em principio, é a única missão que lhe pode ser dada, não sendo possível distraí-la desta missão para empregá-la noutra;
- a outra, fica disponível para qualquer missão. Esta reserva será mantida em repouso à retaguarda da LD, à disposição do Cel.

Pode-se encarar para esta reserva as seguintes missões:

- a) — pôr um certo número de armas, durante a preparação da artilharia inimiga, à disposição dum Cmt. de Btl. desprovido de reserva a fim de que possa o mesmo substituir na LP ou na Linha de Apoio as armas que cooperavam na barragem geral e que haviam sido destruídas.

Tais substituições são de execução difícil no *decurso do combate*. As armas a elas destinadas não chegarão em tempo oportuno ao local de destino;

- b) — tendo o inimigo penetrado numa frente estreita da PR e sido detido pela cortina de fogo das reservas de batalhão, executar um contra-ataque com o apoio dos fogos das mesmas e restabelecer assim a integridade da posição primitiva;
- c) — tendo o inimigo conseguido penetrar numa frente estreita da PR sem ter sido detido pelos fogos das reservas de batalhão reconstruir uma linha de fogo continua, ligando por transversais do fogo as partes intactas da linha mantida pelas reservas de Btl. com a linha de deter. Se, isto feito, sobrar ainda unidades bastante fortes — caso provavelmente raro — aguardar que o inimigo seja detido por esta nova linha de fogos e em seguida contra-atacá-lo;
- d) — o inimigo tendo penetrado na PR numa larga frente progride rapidamente, reforçar os fogos fornecidos pela LD; deter, antes de tudo o inimigo na frente desta linha. Isto feito, e se a situação e o efetivo o permitirem — o que será sem dúvida bastante raro — contra-atacar o inimigo assim detido.

2 — Do Comandante do Batalhão

Preparação da defesa

Ao Cmt. do Btl. em 1.º escalão é dada uma missão sob a forma:

- duma hipoteca de fogo bem localizada no terreno — barragem geral, fogos no interior da posição, tiros longínquos, tiros nos carros de combate, tiros contra aviões, eventualmente fogos em proveito dos PA;
- duma zona de ação nitidamente definida, dentro da qual ele instalará seu dispositivo;
- de *servidões* de fogo diversas — fogos de ligação com os vizinhos, participação eventual nas concentrações de fogo fóra da sua zona de ação.

Conjuntamente com a missão, recebe o Cmt. do Btl. indicação dos meios de que disporá para bem desempenhá-la:

- — todo ou parte do seu Btl.;
- meios suplementares — órgãos de fogo regimentais, etc.;
- apoios de fogo fornecidos por outras unidades — unidades dos sub-setores vizinhos, reservas regimentais ou pela artilharia.

Na verdade, é ele o verdadeiro executante porque é, com efeito, neste caso, o fornecedor principal dos fogos.

Para cumprir esta missão deve ele:

a) — *criar a barragem geral* na zona do terreno fixada pelo Comando;

b) — *combinar o emprego de seus meios de fogos*, explorando ao máximo suas diversas propriedades, de modo a poder, imediatamente, fazer face a todas as eventualidades do combate;

c) — *tomar ou prescrever todas as disposições de minúcia* necessárias para que o sistema de fogo elaborado funcione seguidamente — preparação e amarração dos tiros, regulações, se necessárias proteção do pessoal e das armas, organização da observação, das ligações e das transmissões correspondentes, repartição em lotes das munições, elaboração dos roteiros de tiro, etc.;

d) — *fiscalizar* com cuidado todas as medidas de minúcia tomadas por seus subordinados, a fim de assegurar-se de que concordam elas com a idéia de manobra que concebeu.

Quais são, pois, as linhas principais do trabalho do Cmt. de Btl. de 1.º escalão?

Primeiramente, cabe-lhe *desenhar a trama da barragem geral* fixando a *missão de fogo principal* de cada um dos seus pelotões de metralhadoras, após determinar com a necessária precisão a LPR da posição; isto feito, determinará o *local aproximado* que esses pelotões deverão ocupar — o local definitivo será fixado precisamente pelo comandante da companhia de petrechos — de maneira a desempenhar do melhor modo a *missão principal* prescrita, mas também de tal sorte que fiquem em condições, no caso de ser necessário, de executar certo número de *missões secundárias* que ele deve fixar agora.

Torna-se necessário em seguida completar a rede de fogos cuja ossatura acaba de ser traçada. É essencialmente esse o trabalho dos Cmts. de companhia. Mas deve o Cmt. do Btl. orientar sua ação. Não quer ele com efeito, que a barragem geral seja uniformemente densa em toda sua extensão. Quer, por outro lado, permanecer senhor da manobra de seus fogos, de acôrdo com os acontecimentos.

Para a estas diversas exigências, deve ainda:

- avaliar o número de FM a colocar no 1.º escalão para constituir com as metralhadoras e os morteiros uma barragem que atenda às suas intenções;
- deduzir o número de companhias a pôr em 1.º escalão;
- precisar as missões principais de fogo de cada companhia em 1.º escalão;
- fixar a zona de ação dessas companhias;

- balizar os pontos essenciais da linha de apoio;
- dar à sua reserva de batalhão, colocada na frente da LD as diversas missões de que pode ser incumbida no decorrer do combate;
- fixar a missão precisa de seu pelotão de engenhos contracarros e do seu pelotão de morteiros;

Se dispõe dos fogos dum *grupo de artilharia*, fixa os fogos que esse grupo deve fornecer à barragem geral; após, segundo uma ordem de urgência, os que deve fornecer às barragens secundárias; enfim, eventualmente, os fogos em proveito dos postos avançados.

Se os postos avançados na sua frente forem fornecidos pelo seu batalhão, designa a unidade que os constituirá, precisa-lhe a missão e a conduta em caso de ataque e, se tiver ela de retrair-se num determinado momento, as normas pormenorizadas segundo as quais deverá executar esse retraimento e a nova missão que terá de desempenhar desde que se tenha recolhido à PR.

O Cmt. do Btl. deve finalmente:

- fixar as condições do desencadeamento dos fogos, a duração e o regime de tiro dos diferentes engenhos, notadamente para a noite, e, de dia, para os casos em que o tiro à vista seja impossível;
- regular minuciosamente o funcionamento do serviço de observação e informações do batalhão, as ligações e transmissões, o remuniamento, bem como a ordem de urgência dos trabalhos de organização do terreno.

O Cmt. do batalhão de 1.º escalão fica à disposição do Cmt. do regimento para desempenhar as missões eventuais que este poderá confiar-lhe no decurso do combate.

Essas missões podem comportar, como precedentemente já vimos, tanto o reforçamento de armas que tenham sido destruídas durante a execução de contra-ataques imediatos visando retomar certas partes essenciais do terreno, ou ainda a execução ou reforçamento da barragem da linha de deter.

O Cmt. do batalhão de 1.º escalão deverá preparar a execução destas missões eventuais pelo reconhecimento aprofundado do terreno e por cuidadosa organização do serviço de observação e do serviço de ligações e transmissões. Deverá ficar em estado de desempenhar sua tarefa nas melhores condições pelo conhecimento exato das disposições tomadas pelas unidades de 1.º escalão antes do ataque e seguindo, passo a passo, no decorrer mesmo do combate, o desenvolvimento do ataque inimigo.

EXECUÇÃO DA DEFESA

Crear a barragem geral constitue a finalidade essencial de todos os esforços do Cmt. de Btl. de 1.º escalão antes do combate.

Manter esta barragem com todo seu valor deve ser sua preocupação constante a partir do momento em que o assaltante inicia sua preparação.

Para satisfazer esta necessidade, dispõe êle como meios próprios:

— *dum lado*: dos fogos de sua artilharia de apóio direto, conforme entendimento, de seus morteiros;

— *doutro lado*: Eventualmente, dos reforços de fogo que lhe podem ser outorgados pelos escalões superiores; concentrações de fogos de Infantaria ou de Artilharia; concentrações de fogos de Infantaria que êle mesmo previu com seus próprios meios;

— *finalmente*: da sua reserva:

Dentre as missões que podem incumbir a esta reserva, pode-se notadamente prever as seguintes:

a) — durante a preparação da artilharia inimiga, pôr um certo número de armas à disposição das companhias em 1.º escalão, desprovidas de reservas, para permitir-lhes a substituição das armas destruídas pelo fogo inimigo e que tinham uma missão essencial de tiro;

b) — tendo o inimigo penetrado na posição numa frente estreita e sido detido pelos fogos fornecidos pela linha de apóio, contra-atacá-lo o mais cedo possível, logo após a sua parada;

c) — tendo o inimigo penetrado numa frente estreita e ultrapassado a linha de apóio, reforçar a rede de fogos na frente das reservas de Btl., e ligar por diagonis de fogo as partes intactas da linha de apóio com a linha ocupada pelas reservas dos Btls.

Isto absorverá certamente a reserva do Cmt. de Btl., e êste não poderá pensar num contra-ataque a menos que perceba reforços da retaguarda;

d) — tendo o inimigo penetrado na posição numa larga frente, reforçar a linha ocupada pelas reservas dos Btls. e realizar uma barragem de fogo continua soldada aos fogos das unidades vizinhas;

e) — tendo o inimigo mau êxito na frente do Btl., mas conseguido penetrar no setor vizinho, crear uma diagonal de fogo para limitar lateralmente seu avanço.

IX — SUBSTITUIÇÕES

Se a defesa é prolongada, a autoridade superior providencia no sentido de substituir, periodicamente, as unidades de primeiro escalão.

A substituição de um regimento é precedida por um reconhecimento pormenorizado da zona de ação e suas estradas, pelos oficiais do regimento substituído. Todos os comandos subordinados, inclusive os comandantes de pelotão, devem visitar a posição antes da substituição a ser efetuada. Familiarizam-se com o dispositivo, medidas de defesa das unidades substituídas e com o conhecimento das disposições do inimigo.

Entendimentos são completados para a transferência do armamento e equipamento especial, a serem deixados pelo regimento substituído. Os guias, do regimento que deixa a posição, reúnem-se aos pelotões da unidade substituída e os conduzem para suas posições.

É necessário que o segredo seja mantido durante a preparação e execução da substituição. A substituição deverá ser levada a efeito ao cair da noite e a tempo de permitir que a maior parte do regimento substituído esteja aquém do alcance da artilharia, antes de amanhecer. Nas medidas para evitar o congestionamento, deve ser incluída a referentes a oficiais em postos de controle, nos pontos críticos.

O Comandante do regimento que sai é responsável pela defesa do Sub-setor até que a substituição esteja completamente terminada.

R — FORMAS PARTICULARES DO COMBATE DEFENSIVO

O combate defensivo nem sempre se apresenta sob forma simples como a que vem de ser descrita, na qual o defensor goza, em suma, de todas as vantagens que podem reservar-lhe os diferentes fatores em jogo.

Admitiu-se, com efeito, que ele não se encontrava em contacto com o inimigo, dispondo conseqüentemente do tempo e do espaço necessários para colocar seus fogos e proceder à organização do terreno que lhe foi confiada.

Isto posto, urge desde já, avaliar em que medida os fatores, tempo, espaço, terreno, efetivos, influem em certos casos sobre o sistema de defesa, portanto sobre o sistema dos fogos a elaborar, e as disposições convenientes para atender às insuficiências que foram anotadas, satisfazendo assim à condição primordial: — *permitir a unidade desempenhar a sua missão.*

11 — DISPOSIÇÕES A TOMAR QUANDO EM CONTATO OU PERTO DO INIMIGO.

É principalmente o caso em que o assaltante é obrigado a ficar na defensiva no decurso dum combate ofensivo.

Aqui o tempo e o espaço faltam conjuntamente.

Esta eventualidade pode apresentar-se a cada instante e não deve apanhar o assaltante desprevenido.

Exige uma solução imediata que sómente os Comandantes das pequenas unidades estão em condições de tomá-la porque se encontram no local e só elles conhecem a situação do momento dentro da sua zona de acção.

Sobre que bases, pois, vão os Comandantes das pequenas unidades elaborar o *plano defensivo dos fogos* que convém pôr instantaneamente em execução?

Os Comandantes de pelotão e os de companhia do escalão de ataque não têm a escolha dos meios.

Colocados em estreito contato com o inimigo, só podem fornecer fogos que lhes permite o dispositivo do momento; e do valor defensivo do seu dispositivo ofensivo: mas isto elles devem conseguir, porque, como se verá no combate ofensivo, todo dispositivo ofensivo deve poder, em qualquer momento e instantaneamente, transformar-se em dispositivo defensivo, isto é ser capaz de prever fogos em todas as direcções, consequentemente ter profundidade e comportar escalões sucessivos susceptíveis de se flanquearem mutuamente. Mas, mesmo que tal se consiga, as vicissitudes do combate ofensivo poderão levar algumas pequenas unidades a ganhar forte dianteira em relação ás vizinhas, os campos de tiro poderão ser muito reduzidos, o entendimento entre duas unidades vizinhas para realizar flanqueamentos reciprocos será difficil, senão impossivel, enfim não se deve contar poder realizar uma combinação de fogos defensivos muito satisfatória.

Isto mostra como será difficil, nos escalões pelotão e companhia, elaborar instantaneamente um sistema de fogos defensivos completo que apresente as qualidades requeridas, isto é, comporte notadamente uma barragem geral e uma barragem secundária, completando-se mutuamente.

O mesmo não se dá no escalão batalhão.

Ver-se-á mais tarde, com effeito, que o dispositivo, ofensivo do batalhão no escalão de combate comporta, além do *escalão de ataque* constituído pelas companhias de *primeiro escalão*, eventualmente reforçadas com frações dotadas de armas pesadas, uma *base de fogos* estabelecida á boa distancia de tiro á retaguarda ou lateralmente deste escalão, organizada com as metralhadoras e os morteiros do

batalhão, e frações reservadas de 2.º escalão, que se encontrem à retaguarda.

A base de fogos, estando situada a uma certa distância do inimigo — o que permite modificar por pouco que seja, se necessário, as posições das metralhadoras — e colocada sempre que possível numa posição geralmente dominante, permitirá ao Comandante de batalhão realizar instantaneamente na sua frente um sistema de fogos cruzados, soldado aos fogos que, nas mesmas condições, realizarão os Comandantes de batalhões vizinhos, e reforçado sem perda de tempo, tanto pelos fogos dos elementos de 2.º escalão, quanto pelos dos elementos de 1.º escalão, pouco afastados e bem colocados para fornecê-los.

A criação dessa barragem de fogo será tanto mais fácil e mais rápida de realizar quanto mais cedo tenha sido prevista e melhor se preste o terreno à sua constituição. Ora, ver-se-á no combate ofensivo que esta aptidão da base de fogos para a defensiva é uma das condições exigidas na escolha do local de sua instalação e que a colocação dos engenhos de fogo que dela fazem parte deve permitir sempre a passagem rápida da ofensiva à defensiva.

A companhia de metralhadoras e morteiros do Batalhão, reforçada pelas frações do 2.º escalão, será, pois, capaz de realizar na sua frente imediata numa extensão de 1.000 a 1.200 metros, — frente média defensiva do Batalhão — uma barragem bastante densa e contínua.

Mas, terá ela ainda como missão reforçar do melhor modo possível a barragem formada pelas companhias do escalão de ataque.

Existirão, assim, na frente da base de fogos, duas barragens sucessivas sem que se possa dizer *a priori* qual delas será a mais forte. Pode afirmar-se, no entretanto, que a primeira permitirá reistir aos contra-ataques do inimigo e que a segunda constituirá o *apêlo* do Comandante do Batalhão, garantindo sólida capaz de deter a progressão do adversário que houver passado através da primeira barragem.

Quando o Comandante de Batalhão conta com *fogos de Artilharia*, deverá prever as barragens de Artilharia não só na frente do escalão de ataque como na frente da base de fogos.

Se de um lado é possível conhecer com certa precisão as necessidades desta base de fogos, em fogos de Artilharia — zonas onde a barragem da base de fogo é insuficiente ou descontínua — será frequentemente difícil saber exatamente onde deverá fazer a Artilharia atuar na frente do escalão de ataque, para dar à barragem deste escalão o valor máximo: com efeito, as posições exatas dos primeiros elementos do escalão de ataque não serão geralmente muito bem conhecidas, conquanto seja dever dos Comandantes de Companhia do 1.º escalão informar ao do Batalhão com urgência a tal respeito.

Caso o Comandante do Batalhão conheça bem a situação do escalão de ataque, fará preparar a barragem da Artilharia o mais perto possível d'ele; nos pontos que, à vista ou pela carta, pareçam mais perigosos no caso de ataque inimigo, ou nos pontos em que a Infantaria tiver mais dificuldades para realizar uma boa barragem de fogos.

Se, ao contrário, o Comandante do Batalhão não puder determinar com toda exatidão a situação dêsse 1.º escalão, os tiros de Artilharia serão preparados sobre pontos escolhidos nas mesmas bases, mas suficientemente afastados para que d'elles não resulte nenhum perigo para a Infantaria amiga.

No caso de ataque, a Artilharia atuará sobre a zona prescrita na frente do escalão de ataque, mas como seu fogo foi previsto de modo um pouco sumário, o Comandante do Batalhão deverá mais do que nunca seguir de perto as peripécias do combate de modo a manobrar os fogos de Artilharia e applicá-los nas regiões em que o inimigo avança.

Se o adversário conseguir ultrapassar o escalão de ataque e progredir na direção da base de fogos, a Artilharia applicará seu fogo nos logares previstos.

Para garantir a indispensável continuidade do fogo, notadamente na barragem da linha de deter, resta ao Comandante do regimento, no caso de discordância excessiva entre as bases de fogo de dois Batalhões justapostos, o recurso de empenhar uma parte da sua reserva no intervalo dessas bases de fogos.

Se o Coronel dispõe de fogos de Artilharia, pode desencadeá-los na frente d'este intervalo, à distância suficiente das bases de fogos, conforme as informações que possuir sobre a posição occupada pelo escalão de ataque nesta zona, de modo a soldar os fogos duma ou outra barragem.

Como se vê, as possibilidades de ação do Comandante do Regimento são muito reduzidas; nesta primeira fase, os escalões inferiores — pelotões, companhias, batalhões — pelo contrário encontram-se em continua atividade e esforçam-se por constituir instantaneamente duas linhas de fogo contínuas, uma na frente do escalão de ataque, outra na frente da base de fogos, os engenhos de fogo desta participando, inicialmente, na medida do possível, na primeira barragem.

Sómente à noite é que o assaltante, obrigado a passar à defensiva, poderá contentar-se com uma só barragem — geralmente a segunda.

Mas se a situação se prolonga e, notadamente, se o Comando suspende momentaneamente o ataque e decide permanecer na defensiva, o problema muda de feição.

É indispensável, realmente, subtrair o mais cedo possível o grosso das tropas à pressão paralizante do contato inimigo e retomar sem demora uma certa liberdade de ação, interpondo entre os dois adversários um escalão de segurança.

Se a preocupação de garantir a *continuidade do fogo* pelo restabelecimento tão rápido quanto possível da *continuidade da defesa* guiou os primeiros esforços dos escalões inferiores — pelotões, companhias, batalhões — é o cuidado de retomar a profundidade que vai animar os *escalões superiores do Comando*, e como os elementos da frente experimentam a pressão do inimigo é somente à retaguarda que se apresenta a possibilidade de realizá-la.

Aliás, é pouco provável que a zona de combate imposta pelo inimigo seja favorável ao desdobramento total dos fogos do defensor; pelo contrário, é possível que o adversário a tenha escolhido para favorecer sua ação e, particularmente, a ação dos seus fogos ofensivos.

Nessas condições, cabe ao Comando intervir e substituir uma situação nova, progressivamente realizada e adaptada, nas melhores condições, ao novo fim a que se propõe.

A ocupação desta nova posição de resistência realizada a pequena distância do inimigo e na eventualidade de ataque sempre possível da sua parte, será feita em condições um pouco especiais — movimento das tropas efetuado à noite, discreto reconhecimento do terreno, realização rápida duma barragem geral sumária, ulteriormente reforçada e aperfeiçoada, etc. Os princípios e os processos a utilizar numa operação desta natureza, são com pequenas modificações, os mesmos que precedentemente foram expostos.

A LP da nova posição de resistência deverá ser escolhida em função das intenções que se tem para o futuro, quer se queira manter uma estrita defensiva, quer se pretenda retomar a ofensiva dentro de curto prazo.

Em certos casos, o defensor não se encontra em contato com o inimigo, mas o tempo de que dispõe é muito limitado em virtude da proximidade deste, que podem atacar a todo instante; a primeira condição do sistema de defesa, isto é, do plano de fogos defensivos, é existir.

Nessas condições, compreender-se-á facilmente que, se o fim a atingir é o mesmo que no caso normal, será indispensável realizá-lo o mais cedo possível, ou pelo menos em suas grandes linhas.

Conceder-se-á pois aos verdadeiros executantes — Comandantes de Batalhão, Comandantes de companhia — maior iniciativa, de maneira a permitir-lhes crear rapidamente o essencial, e será somente com retoques sucessivos que se dará ao sistema de defesa seu caráter definitivo.

Além do que, no caso encarado será geralmente indicado constituir inicialmente na frente da PR um forte *sistema* de PA o qual terá missão de resistência e se encarregará, ao mesmo tempo: de cobrir o grosso das tropas, deter todo ataque inimigo efetuado com fracas efetivos, retardar um inimigo poderoso explorando todos os recursos do terreno e do fogo nas condições indicadas neste curso (1.ª Parte, Título II), de modo a ganhar tempo e permitir, no mínimo, a posição de resistência, colocar seus fogos e enterrar suas armas.

2) — CASO EM QUE O TERRENO NÃO PERMITE A ORGANIZAÇÃO DUM SISTEMA DE DEFESA ÓTIMO

Já se fez allusão, linhas atrás, à vantagem que tem o defensor em estabelecer seu sistema de defesa no interior dum mesmo compartimento do terreno de maneira que todas as armas de grande alcance concorram por tiros diretos na criação da barragem geral conservando o seu escalonamento em profundidade. Este modo de defesa supõe um terreno descoberto e pouco compartimentado, com vistas longínquas.

Num terreno coberto e dobrado, com vistas limitadas, seguidamente acontecerá que, somente as armas colocadas entre a LP e a linha de apoio poderão concorrer na criação da barragem geral.

Nessas condições, a capacidade de deter da barragem geral apresentar-se-á comumente reduzida, mas a presença de barragens sucessivas mais dissimuladas às vistas do inimigo, em virtude da natureza coberta do terreno, contribuirá ainda excelentemente para impedir a progressão do assaltante. É preciso que este, « despeito de sucessos parciais repetidos, não cesse de chocar-se contra o fogo de frente, de flanco e mesmo de revés, algumas vezes, até que, enfraquecido, desamparado, gasto, se veja obrigado a parar e seja objeto dum contra-ataque, tanto mais eficaz quanto mais secretamente tenha sido preparado e presente a possibilidade de efetuar-se fóra das vistas da sua artilharia e no interior dum mesmo compartimento do terreno de limitada extensão e bem definido.

No presente caso, como se vê, o defensor atua, da mesma forma que o atacante, por esforços sucessivos; mas esta dispersão de esforços lhe é mais prejudicial do que ao atacante, porque é preciso que se encontre pronto para defender-se por toda a parte, enquanto que este concentrará seus esforços na zona que lhe é mais favorável e que livremente pode escolher.

Pelo contrário, a ligação Infantaria-Artilharia mais delicada, menos íntima em tal terreno, torna o ataque mais difícil e compensa dum certo modo a insuficiência do sistema da defesa.

3 — CASO EM QUE OS EFETIVOS DA DEFESA SÃO LIMITADOS

É fácil verificar-se que um sistema de defesa organizado como o indicado nos capítulos anteriores deste estudo, exige importantes efetivos que não se pode esperar dispôr em todas as circunstâncias.

Por outro lado, casos há, como se verá especialmente no estudo dos postos avançados, e no dos movimentos retrogradados que, sistematicamente, só se consagra a certos sistemas de defesa efetivos limitados, porque o fim da defesa não é mais essencialmente deter o inimigo a todo custo e impedi-lo de conquistar a posição ocupada, mas obrigá-lo a perder tempo.

Ora, tanto num como noutro caso, não se pode falar de *defesa sem idéia de recuo*. Assim, a questão será tratada sob o título "DEFESA EM GRANDES FRENTE".

XI

DEFENSIVA EM GRANDES FRENTE

Noções Gerais

A defensiva em grandes frentes, constitue um caso particular do combate defensivo, cuja adoção é indicada quando as frentes são:

- relativamente passivas;
- cobertas por grandes obstáculos naturais ou artificiais.

Além dos casos acima, tal situação pode impor-se, qualquer que seja o terreno, às primeiras unidades empenhadas (geralmente vanguardas) contra forças inimigas superiores para as conter ou retardar.

Igualmente esta situação pode ocorrer nas posições intermediárias ocupadas pelos escalões sucessivos, nos movimentos retrogradados.

Nesta forma da defensiva, a primeira urgência dos trabalhos de organização deve visar a criação dum obstáculo sôbre toda a frente e capaz de prejudicar a ação dos carros. Um largo emprêgo das destruições deve completar a ação dos demais elementos.

No estudo a empreender aqui, trata-se de pormenorizar a atuação das unidades de Infantaria, com a apreciação sucessiva das seguintes questões:

- Possibilidades dum Batalhão
- Dispositivo
- Conduta do combate
- Possibilidades dos engenhos blindados
- Possibilidades das armas contra-carros.

1) — *Possibilidades dum Batalhão:*

A extensão da frente não deve ser obtida com a supressão total da profundidade da posição e nem com o desenvolvimento linear das pequenas unidades. É conseguida, ao contrário, pelo aumento da largura dos intervalos que separam os diferentes núcleos de resistência (centros de resistência e pontos de apoio).

É limitada pela necessidade de permitir o exercício do comando, de vigiar e bater eficazmente todo o terreno na frente da PR e nos intervalos.

Coesão, continuidade de fogo, escalonamento, são os fatores essenciais que influem na fixação dos limites das frentes defensivas.

Com a organização atual, o Batalhão, em terreno favorável, atrás de um obstáculo, poderá oferecer uma resistência temporária numa frente até 3.500 metros², realizando uma *linha contínua de fogos*.

É no dispositivo a adotar e na conduta do combate que bem se acentua a diferença entre a organização da defesa em grandes frentes e a de frente normal.

2) — *Dispositivo:*

O dispositivo, em todos os escalões, é caracterizado por uma *gran. de descentralização do comando*.

Nas unidades de Infantaria essa descentralização é materializada pela constituição de grupamentos temporários, encarregados da defesa de centros de resistência ou pontos de apoio.

Cabe-lhes também garantir, em permanência, a segurança dos Carros e da Artilharia. Tal segurança exige, as vezes, que estes elementos sejam englobados nos centros de resistência e pontos de apoio localizados mais à retaguarda do dispositivo.

Uma vigilância ativa deve ser exercida, de noite ou por ocasião de nevoeiro, nos intervalos que separam os CR e P Ap de maneira a prevenir, em boas condições, a infiltração do inimigo.

A missão dos PA reduz-se, normalmente, a simples vigilância; comporta pois um pequeno efetivo e um só escalão. Contudo, é indicado prevêr, em determinadas regiões do sistema de PA, uma resistência temporária temporária, para bater caminhamentos importantes ou pontos de passagem obrigatória.

Em geral, a localização dos PA deve corresponder à dupla condição de proporcionar grandes campos de tiro na direção do inimigo e apresentar na retaguarda cobertas que facilitem o retraimento. São vantajosamente utilizados, para o retraimento, meios de transporte automóveis.

3) — *Conduta do Combate:*

A conduta do combate tem por finalidade retardar o momento em que o inimigo possa abordar a PR.

Nesta ação os fogos longínquos assumem importância muito grande.

Os comandantes de Infantaria estabelecem, de acordo com o alcance eficaz das armas, tomando por base o *mais longo*, a linha a partir da qual o inimigo deve ser atingido pelo fogo. O maior número possível de armas atua com seus fogos a partir dessa linha e, conforme as necessidades, nenhuma arma é conservada em silêncio por força da missão a cumprir na barragem geral. Sempre que possível preparam-se posições suplementares para serem utilizadas se necessário.

Os comandos, em todos os escalões, ordenam os fogos de concentração julgados úteis. Para êste fim acionam, de preferência, as unidades estabelecidas perto de seus postos de comando.

Os demais fogos — *barragem geral, barragem interior*, etc., têm a sua importância dependente da progressão do inimigo. Antes do combate, a organização destes fogos constitui apenas uma garantia, pelo que não devem exclusivamente servir de base ao emprêgo inicial das armas.

Se o inimigo consegue penetrar na posição, *contraataques* imediatos são executados no interior dos pontos de apoio. As *reservas de batalhão e regimento*, em razão de seu pequeno efetivo, da extensão da frente e do mediocre apoio de Artilharia de que se podem beneficiar excepcionalmente intervirão por meio de contra-ataques. Normalmente, são empregadas para restabelecer a continuidade da frente.

4) — *Possibilidades dos Engenheiros Blindados:*

Nucleada como é a defensiva em grandes frentes, em CR e pontos de apoio, geralmente muito afastados uns dos outros no duplo sentido da frente e da profundidade a ação os engenheiros blindados contra a posição a defender assume capital importância.

Acresce ainda que os núcleos de defesa dificilmente poderão prestar apoio a contra-ataques que venham a se executar nos intervalos existentes entre eles.

Isto posto, nesta variante da defensiva, os engenheiros blindados da defesa poderão contra-atacar, com ou sem Infantaria, os engenheiros blindados ou a Infantaria inimiga, entre os núcleos de defesa.

5) — *Possibilidades das armas contra-carros:*

Se nos casos normais de defensiva o carro já é considerado o mais temível inimigo, nas grandes frentes, seu aparecimento é por demais perigoso para a integridade da posição a manter.

É, pois, preconizado para a defesa em grandes frentes o emprego, com exploração ao máximo dos meios ativos e passivos contra os carros.

As armas contra-carros distribuir-se-ão de acôrdo com as decisões do comando *a priori*, pelos diferentes núcleos de defesa (ocupados por grupamentos temporários); as reservas porventura criadas deverão ficar em condições de reforçar rapidamente determinados núcleos.

CONCLUSOES

Resumem-se os principais ensinamentos dêste estudo no seguinte:

- 1 — O dispositivo é caracterizado por uma grande descentralização do comando.

O Btl. articular-se-á em grupamentos temporários que ocuparão zonas intervaladas no duplo sentido da frente e da profundidade, devendo criar uma linha contínua de fogos em sua frente e fogos longínquos realizados, em princípio, pelas metralhadoras.

A localização das armas deve ter em vista a realização dos fogos longínquos e da linha de fogos contínua, considerando-se não ser simultânea a execução destas missões.

- 2 — A frente a defender pelo Btl. pode ir até 3.500 metros.
- 3 — As reservas devem dispôr de transporte rápido. São empregadas mais comumente para restabelecer a continuidade do fogo; excepcionalmente para contra-ataques.
- 4 — Os engenhos blindados podem contra-atacar, com ou sem Infantaria.
- 5 — As armas contra-carros são distribuídas: umas aos núcleos para realizar as necessárias barragens; outras reservadas para reforçar a defesa das zonas de mais fácil acesso para os engenhos blindados.

CASA NIOAC

O. Barbieri & Cia.

Especialidade em artigos para montarlas — malas em geral

Rêdes, pastas, carteiras, chinelos, etc.

Artigos para viagens e presentes

RUA DA QUITANDA, 28 — FONE 22-6636 — RIO DE JANEIRO

AGENTES AUTORIZADOS DOS PRODUTOS

Bebedouros elétricos americanos

Geladeiras comerciais e sorventeras "SUPER-COLD"